

O dilema do tráfico: tomar o poder ou conviver com ele

Publicação: [O Mundo em Português Nº 55](#)

Data de Publicação: Abril/Maio 2004

Autor: Jair Rattner

A luta pela Rocinha representa mais do que uma batalha pelo controle do tráfico de drogas na maior favela do Rio de Janeiro. Por trás das alcunhas de «bandido bom» e «bandido mau», os tiros de fuzis e metralhadoras dos bandos chefiados pelo assassinado Lulu e por Dudu representaram dois conceitos de como a «indústria?» do tráfico se deve relacionar com a sociedade.

O conflito começou no dia 9, de uma forma que faria inveja a guionistas de filmes de acção. Numa falsa operação stop, membros de grupos armados alegadamente ligados a Eduíno Eustáquio de Araújo, o Dudu, pararam e tomaram posse de dezenas de carros na Avenida Niemeyer, que margeia os bairros do Leblon e São Conrado, além da favela do Vidigal. Na posse dos carros, entraram em comboio pela favela da Rocinha, com o objectivo de tomar os pontos de venda de drogas que estavam sob o controlo de Luciano Barbosa da Silva, o Lulu. Dudu, que chefiou o tráfico na Rocinha até 1999, quando foi preso, era conhecido por sua truculência. Ligado ao Comando Vermelho, um dos grupos mais violentos que actua no Rio de Janeiro, criado na prisão na década de 60 – a partir da ruptura da barreira ideológica entre os presos políticos e os presos comuns –, o grupo tem uma estrutura de comando extremamente rígida. Até hoje é dirigido a partir das cadeias.

A forma como Dudu costumava reagir quando encontrava a polícia exemplifica a forma como o grupo via as autoridades. Ou ele partia para o confronto, disparando, ou procurava subornar os agentes. Do outro lado, Lulu tinha uma reacção diferente. Sempre que apareciam polícias, retirava-se, evitando o confronto. Tinha a consciência de que a morte de policiais normalmente provoca o recrudescimento da actuação das autoridades. Além disso, podia afastar os seus clientes, com medo da violência e das balas perdidas. Ele também recuperou na Rocinha uma tradição de assistencialismo por parte da chefia do tráfico de drogas que tinha sido abandonada por Dudu.

Durante os cinco anos que dirigiu o tráfico na favela, Lulu conseguiu atrair os consumidores de classe média e média alta – os principais utilizadores da droga –, sem

medo de serem assaltados, terem os seus carros roubados ou serem feridos. O bairro, com 200.000 habitantes – dos quais a estimativa é que não mais de 800 estão ligados directamente ao tráfico –, estava com um crescimento económico muito grande, com a abertura de lojas, restaurantes (chega a ter um McDonalds) e bailes funk que atraíam os jovens do asfalto. Tornou-se um dos principais locais escolhidos pelas organizações não governamentais para actuarem contra a pobreza no Rio. Na invasão, um dos momentos emblemáticos foi quando Dudu assassinou na frente dos moradores o campeão e professor de skate Wellington da Silva, que tinha um projecto de ensinar às crianças da favela o desporto, como meio de escaparem da criminalidade.

Até o momento em que este artigo foi escrito, apesar de rusgas policiais em dezenas de favelas e patrulhamento constante, Dudu ainda não foi preso. Pelo histórico dos dois traficantes, denota-se que o conflito opunha duas visões de mundo. Uma, representada por Dudu, que prevê a tomada de poder directamente pelo tráfico, controlando todas as decisões sociais. Outra, que aponta para uma convivência, através da corrupção das autoridades e um conflito de baixa intensidade. Parece que com a morte de Lulu, a visão do Comando Vermelho foi vitoriosa. No entanto, será que a história de urbanidade e cidadania do Rio de Janeiro vai permitir que essa visão prevaleça?